

## Original

### O TURISMO NA PERIFERIA DO CAPITALISMO: O SEQUESTRO DA PAISAGEM

#### Tourism in the periphery of capitalism: The kidnapping of landscape

Eguimar Felício-Chaveiro, Doutor em Geografia Humana, Professor da Universidade Federal de Goiás – UFG, [equimar@hotmail.com](mailto:equimar@hotmail.com)

Recibido: 14/03/2018 - Aceptado: 20/04/2018

#### RESUMO

Pode o turismo, no interior das sociedades mundializadas, ser pensado a partir do trabalho? Pode o turismo, insuflado pelas grandes máquinas semiotizadoras, servir-se à emancipação social do trabalhador? – essas são perguntas norteadoras das reflexões embutidas nesse trabalho. Com o objetivo de elaborar apontamentos para uma perspectiva crítica do turismo, a elaboração desse texto contou com trabalhos de campo, orientações e reflexões em torno do turismo religioso de Trindade-Go. Contou-se também com diálogos abertos com os membros da REESCRITA – Rede crítica de turismo. A base teórica do trabalho foi instituída por meio desse pressuposto: a conexão e a abrangência do turismo nos levam a considerar que, em suas diferenças e multiplicidade, Ele se nos apresenta como um legado para interpretar as contradições do capitalismo contemporâneo. Essa consideração nos interpela para averiguar a escala da periferia do capitalismo ligada à escala geopolítica.

**Palavras-chaves:** Turismo religioso; Leitura crítica do turismo; Sequestro de paisagens; Turismo e capitalismo

#### ABSTRACT

Is it possible for tourism, within a globalized society, to be thought as work? Can the tourism, fueled by large semiotizing machines, the social emancipation of the worker? These are guiding questions of the reflections embedded in this paper. With the objective of elaborating notes for a critical perspective of tourism, the construction of this paper includes field work, orientations and reflections on the religious tourism of Trindade-GO. They were also held with open dialogues with the members of REESCRITA - Rede crítica de Turismo (Critical Network of tourism). The

theoretical basis of the work was instituted through this presupposition: the connection and the extent of tourism leads us to consider that, in their differences and multiplicity. Such a phenomenon presents itself as a legacy to interpret the contradictions of contemporary capitalism. This consideration challenges us to ascertain the scale of the periphery of capitalism linked to the geopolitical scale.

**Keywords:** Religious tourism; Critical reading of tourism; Kidnapping of Landscapes; Tourism and capitalism

## **INTRODUÇÃO**

O turismo contemporâneo se irradia como uma atividade de múltiplas frentes e de diversas significações. A sua abrangência ocorre também por uma infinidade de tipos. Esses tipos são responsáveis por fazer incidir, na cena turística, atores correlatos, consumidores de paisagens, negociantes, mercadores de símbolos e de imagens. Em muitos casos algumas modalidades de turismo são verdadeiras empresas ideológicas, expandem-se a partir do discurso que podem “salvar” crises econômicas de determinados lugares e territórios.

O crescimento do turismo como atividade econômica e como face cultural do sujeito contemporâneo o leva a agregar outros componentes da vida social como saúde, sexualidade, lazer, entretenimento, cultura, educação, conhecimento, tráfico de drogas, religiosidade, violência-segurança, trabalho, renda, preservação ambiental, patrimônio histórico e outras infinidades de percursos que se estendem no campo de registros da formação da consciência e da subjetividade. Dentre esses registros pode-se destacar a midialização do indivíduo e sua conexão com as redes; a ideologia do “homem viajado” e a visão liberal do território e da cultura; a ação das redes de transporte e de comunicação e a delinquência social; o ethos da economia mundializada e a apropriação da memória cultural.

Esse raio de conexão e de abrangência indica conceber o turismo, em suas diferenças e multiplicidade, como um signo para interpretar as contradições do capitalismo contemporâneo. Essa consideração nos interpela para averiguar a escala da periferia do capitalismo. Então podemos interrogar: como o turismo é agenciado na periferia do capitalismo brasileiro? De maneira específica, estamos nos referindo a atividade turística no Estado de Goiás, precisamente do turismo religioso, em Trindade-Go.

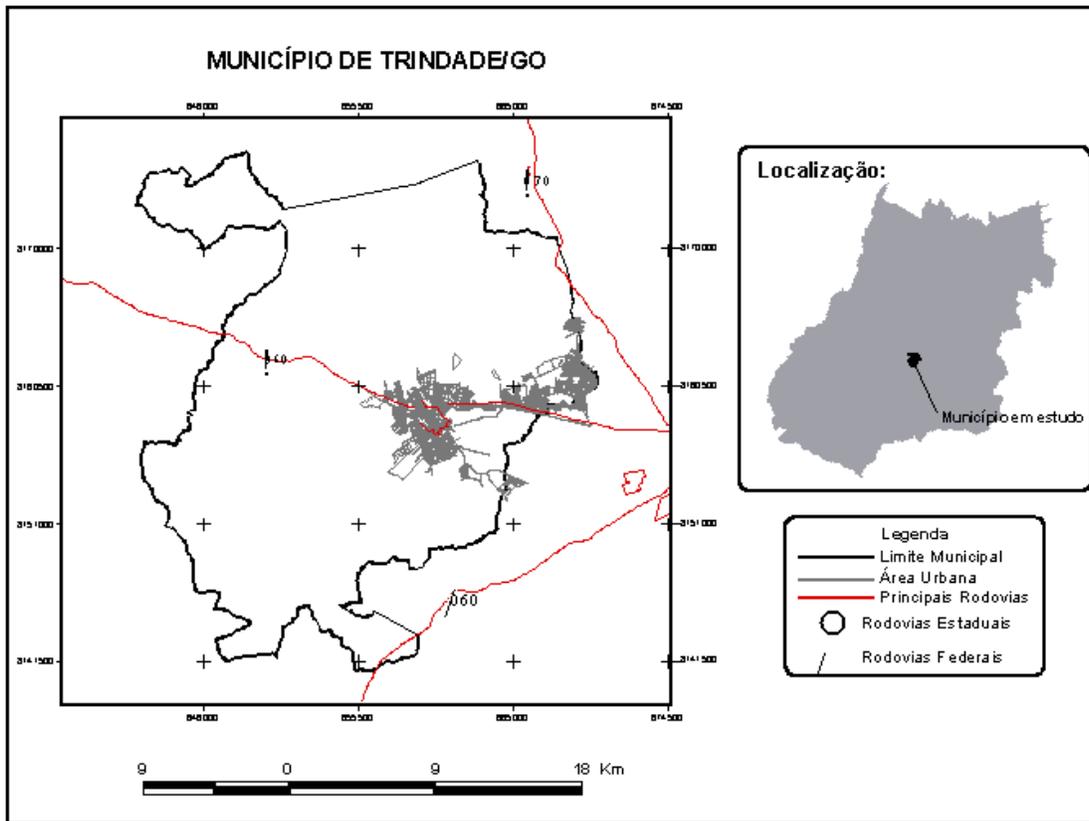
O ponto de apoio teórico baseia-se no seguinte: embora o turismo serve-se à diferentes sentidos e significações sociais, a sua incidência na periferia do capitalismo brasileiro ocorre promulgando o sequestro da paisagem, a partir de uma conotação liberal de economia e de apropriação do território. Dessa feita, mesmo o turismo religioso, como é o caso de Trindade-Go, tende a criar apropriações desiguais da paisagem. O crivo da religiosidade e da fé cristã, ao municiar o evento da romaria/festa do Divino Pai Eterno como unidade simbólica afeita ao sentimento religioso esconde o sofrimento de trabalhadores que, com pouca capacidade de investimento e com precárias condições sociais, têm o seu corpo e a sua saúde flagelados mediante o trabalho árduo na venda de mercadorias populares em barrquinhas no período festivo. Contou-se, também, com as pesquisas e os colóquios desenvolvidas pelo projeto “Sociobiodiversidade e desenvolvimento territorial”, a partir do qual um grupo de pesquisadores de várias instituições tem investigado o Cerrado brasileiro.

Além desses aportes, a discussão coletiva em torno da Rede Crítica de Turismo – Reescrita, com a qual conta-se com pesquisadores brasileiros, moçambicanos, cubanos, mexicanos, colombianos, espanhóis, chilenos, coloca em cena algumas interrogações universais: o turismo pode ser uma atividade que ajuda o trabalhador a construir a emancipação social, política e humana? As pessoas empobrecidas podem encontrar no turismo outra relação que não apenas a subordinação (atender, carregar malas, mendigar, vender coisas do local, vender mercadorias baratas)?

Isso significa conceber o turismo além do campo do mercolazer, ou seja, não uma atividade apenas de negócios, mas de autodeterminação, de aprendizagem, de organização social e política, de alternativa de renda. Outra pergunta é: o turismo enquanto evento/situação/atividade/setor/indústria humana pode ser um canal para uma leitura crítica do mundo? Se pode ser, é preciso fundar uma teoria crítica do turismo. É com esse dispositivo que foram fundados os alicerces teóricos e metodológicos desse trabalho.

### **Uma viagem na festa/romaria de Trindade-Go**

O município de Trindade-Go é um dos 20 (vinte) que compreende a região metropolitana de Goiânia. Fundado em 31 de Agosto de 1920, Trindade, mesmo antes de se tornar município, em torno de 1840, passou a receber romeiros de várias partes de Goiás. O crescimento da romaria, aos poucos, se estendeu para além de Goiás. Hoje tem abrangência internacional.



**Fonte: MUBDG. Elaboração: Rafael de Oliveira Borges, 2005.**

O fato de Trindade distar-se de Goiânia em torno de 20 km e, com o elevado crescimento demográfico de Goiânia face ao dinamismo criado pela incorporação do Cerrado brasileiro como celeiro produtivo de exportação de grãos, carne, biocombustível e minérios, facilitou o crescimento da festa/romaria. Rodrigues (2018, pag 5) esclarece que

“Salvaguardando as peculiaridades, que envolveram e envolvem cada uma destas duas cidades, devemos considerar que a construção e a consolidação do território trindadense estão diretamente ligadas às transformações ocorridas no espaço o qual viria a se transformar na nova capital do estado de Goiás. Esse fato será responsável por uma série de fragmentações territoriais no entorno da área escolhida. Fragmentações estas não só de caráter físico, mas também sócio-culturais e, por que não dizer, simbólicos”.

Numa forma ambivalente, a proximidade de Goiânia não impediu e, em certa medida, facilitou e reorganizou a festa/romaria, de maneira que Trindade, ano após ano, atrai milhões de devotos. As mudanças estruturais da subjetividade humana, face a dureza concreta das relações sociais, juntamente com componentes como o crescimento do trabalho informal e a busca incessante

de entretenimento, fizeram o turismo religioso de Trindade transformar-se, numa só vez, num estuário das transformações sociais de Goiás, num destino turístico e na representação e numa realidade demográficas esporádica assustadora, congregando, no período festivo, mais de 2 milhões de pessoas, sendo que a cidade possui apenas 120.000hab.



Fonte: [//www.google.com.br/search?q=Caminhada de romeiros de Goiânia a Trindade, Rodovia dos Romeiros/2017](http://www.google.com.br/search?q=Caminhada+de+romeiros+de+Goiânia+a+Trindade,+Rodovia+dos+Romeiros/2017)

Como se vê na imagem, a festa/romaria de Trindade cria vários dispositivos culturais que, a partir do móvel religioso, permite acessar outros quesitos do entretenimento, da cultura juvenil e também da cultura urbana metropolitana. A formação de grupos de parentelas; de amigos; de trabalhadores; pagadores de votos; namorados e pessoas avulsas experimentam, na caminhada, a junção diferenciada dos artefatos simbólicos.

Observa-se a implementação diferenciada dos grupos etários: geralmente as pessoas idosas fazem a caminhada mediante vivências religiosas, vários grupos rezam terços e pagam promessas. Um devoto diz:

*“A minha esposa teve um problema de saúde muito sério, grave memo, então eu fiz o voto pra ela sarar. Eu prometi ao Divino Pai Eterno que se ela melhorasse eu ia fazer a caminhada de Goiânia para Trindade durante 5 (cinco) anos. Esse é o terceiro ano, eu fico satisfeito, a minha muié tá curada, é um milagre, né?. Eu num tenho medo de cansar, não. Eu sei que o Divino Pai Eterno dá uma ajudinha. Eu venho todos os anos, sinto aliviado. É uma graça”.*

Os grupos etários jovens nem sempre estão ligados ao sentimento religioso. Alguns transformam a caminhada numa moda, ou num desafio, ou mesmo numa forma de exercitar a sua juventude. O turismo religioso torna-se pretexto para que a cultura juvenil metropolitana ganhe adereços de aventura grupal. A jovem diz “*Eu venho com os amigos, é bom, a gente acorda cedo, se prepara, tem uma expectativa, vamos caminhando, conversando, brincando, tem gente que arrumou namorado*”.

Junto a caminhada, no interior da festa/romaria, há exposição de arte urbana.



**FONTE:** *exposição de arte urbana. Eguimar Felício Chaveiro, 2017*

A magnitude demográfica da festa/romaria, a sua capacidade de juntar, num mesmo evento e em período curto, informações, possibilidades de veiculação de ideologias e de imagens, atrai também prostitutas de municípios vizinhos; membros do teatro popular; outros segmentos religiosos, assim como elementos da cultura negra como as congadas ou mesmo do expediente cristão, como as folias de reis. A festa/romaria torna-se um território cultural disputado.

Observa-se que as estruturas de poder institucionalizadas fazem apropriações diversas. O Estado, a prefeitura, a mídia nacional, o mercado e outros controlam e obtém, por cima, os créditos políticos. A presença de mídia regional e nacional, do governador do Estado, do prefeito e de autoridades eclesiásticas na missa de encerramento dão a marca desse destino político. O epicentro religioso se esparrama nas figuras de assaltantes, sedutores, traficantes de droga, pedintes, e interesses escusos do poder dominante.

O dinamismo político e econômico implementado pelas pousadas, hotéis; as ações do circuito inferior da economia como bares, feiras, alugueis de casas e de calçadas; a oferta de lazer promovido pelos parques, circos, forrós – e outro conjunto de acessos possibilitado pela festa/romaria, colocam, no mesmo plano, o signo religioso transformado em turismo que, muitas vezes, os preceitos daquele e faz derrapar os dispositivos simbólicos da própria religiosidade, expondo as contradições do país.

### **Pedintes, trabalhadores e devotos**

A festa/romaria de Trindade apesar de ter um calendário de acontecimento marcado pelos 9 (nove) dias da novena do Eterno, ao ser objeto do turismo religioso, transborda o calendário dando a Trindade a insígnia de capital da fé do Estado de Goiás. Por isso, o vínculo da cidade ao turismo religioso marca a paisagem da cidade e cria uma funcionalidade para esse fim.

A identidade da cidade construída pela midialização do cristianismo católico, com apoio decisivo dos agentes políticos e religiosos, a posse discursiva e seus efeitos na construção do imaginário da cidade como capital religiosa, além de refazer as paisagens da cidade, sua funcionalidade econômica e os seus vínculos com outros lugares, refazem também a ordem do trabalho. Os trabalhadores do local se preparam para os dias festivos no aluguel de quintais, de calçadas, de banheiros e também nas vendas de comidas. Em muitos casos participam da festa a partir de trabalho esporádico em parques, circos e em bares. Mas a mira não é apenas financeira. Uma vendedora de pasteis comenta:

*“Eu venho aqui com a família vender pasteis, às vezes até ganhamos um dinheirinho, às vezes dá prejuízo porque o aluguel é muito caro. A vida da gente é dura, não durmimos direito, né. Durmimos poquinho em barraquinhas, um dorme um pouco, outro dorme outro. Mas a gente sente participa no da festa, é uma tradição nossa, os meninos gostam, ajudam, a gente saiabençoado...”*

Há, contudo, decepções econômicas e posições críticas consoante ao aproveitamento economicista da festa/romaria:

*“Vou fala, viu, aqui só existe exploração, explora a gente com tudo, a prefeitura, o povo de Trindade no aluguel das barracas, até os padres exploram a gente, o povo. Nós viemos trabalhar honesto, ninguém tem dó, não. A concorrência é grande também, há roubo, os fiscais ameaçam a gente, tudo é pago. Eu conheço muito gente que veio e*

*levou prejuízo e não volta mais, não quer nem saber. Sabe quem ganha aqui? É o padre”.*

O crescimento do terciário de barraquinha ou os dribles dos trabalhadores-vendedores à fiscalização, a intensa movimentação e mistura de vendedores, mercadorias e rezadores e devotos são expedientes visíveis e quase documental: mostram o entrançamento de rostos e signos e expressam a desigualdade social disfarçada e alegorizada na manifestação festiva. Enquanto alguns fazem votos, apresentam agradecimentos, outros falem, são penalizados com o trabalho precarizado.



**Venda de chapéus. Eguimar Felício Chaveiro.2017.**

A diferença de classe e a exposição do trabalho e do trabalhador como centro da festa/romaria são traduzidos nos gestos e nos corpos dos festantes. Percebe-se que há uma diferença de apropriação da festa entre a juventude metropolitana que usa a paisagem festiva para as festas, os encontros, as brincadeiras e namoros e os camponeses que, anualmente, organizam o calendário de trabalho preparando-o para o momento da romaria. Geralmente, são esses que curvam o semblante aos ritos festivos.



Fila de pedintes, Trindade. Eguimar Felício Chaveiro. 2017

A exposição de feridas para angariar ajuda financeira. O chapéu aberto pedindo “pelo amor de Deus, me dê uma ajuda”; a apresentação da miséria humana no grau mais elevado; a autocomiseração e tantas outras feridas sociais são expressões sociais e históricas da sociedade brasileira, marcada, por um lado, por opulência, violência da elite, subjugação dos trabalhadores e, por outro lado, a miséria social do modelo concentrador de terras, capitais e riquezas. Por conseguinte, a capital da fé torna-se também a capital da contradição, documento profundo do Brasil.

### **Apontamentos para uma compreensão crítica do turismo**

O crescimento da atividade turística como componente econômico tem motivado gestores, planejadores do território, empresários do setor de hotelaria e agentes hegemônicos da economia capitalista a criar uma ideologia: a do turismo como redenção e salvação de determinados lugares, territórios e sítios. Essa ideologia, especialmente na última década, ganha um novo nome: empreendedorismo.

Ora, inicialmente convém compreender o turismo como atividade diretamente ligada à formação socioespacial dos países a que se vinculam. Por isso, é cortado e atravessado pela divisão internacional do trabalho. Portanto, pode-se diferenciar o turismo de e nos países ricos e do e nos países pobres. A desigualdade econômica entre os países e a sua hegemonia geopolítica recai no turismo – e nos seus sentidos.

A imensa maioria de trabalhadores do denominado setor turístico dos países pobres, especificamente os carregadores de mala, as arrumadeiras, os atendentes de balcão, de restaurantes e de bares e outros trabalhos correlatos tem a vida precarizada com remuneração salarial mínima. Do mesmo modo constata-se que, nesses países, a fruição turística é destinada à burguesa e à elite.

Fora a diferença de classe e o modo como a relação capital/trabalho atravessa o turismo, uma leitura crítica dessa atividade requisita compreender a sua densidade histórica. Trata-se de interpretar o modo pelo qual as sociedades mundializadas capitalistas, curvadas ao regime de acumulação financeirizada, transformam a economia num grande cassino global, retirando boa monta do capital do setor produtivo e investindo no setor financeiro.

Muitos autores demonstram que a junção dos investimentos no capital financeiro com o aumento da tecnologia no setor produtivo, geram o desemprego estrutural. Esse aumento repercute na crise econômica dos países ricos que lança os dividendos para os países pobres. Resulta dessa condição o crescimento da informalidade e do setor terciário. O turismo, quase sempre, torna-se uma economia dessa sociedade e para os seus fins.

O sequestro das paisagens de praia e sol; ou de sítios ecológicos com cachoeiras; cidades patrimonializadas, assim como os resorts ou outra modalidade, como é o caso do turismo religioso, em Trindade, geralmente são implementadas a partir da venda de imagens, do comércio da emoção, do hedonismo. Não à toa a atividade é revestida da participação da mídia como máquina de criação do desejo.

A performatização da paisagem é, assim, uma forma de elaborar economicamente o seu sequestro econômico. O mesmo ocorre com a domesticação dos lugares afeiçoando-os à cobiça do turista e à ideologia mercantil. Componentes como a memória, a cultura, a arquitetura, o sol, as matas, os rios, a religião, as festas, a comida, as serras, a favela ou a casa da gente famosa servem ao preceito turístico.

Por conseguinte, a leitura crítica do turismo exige pensá-lo na ordem totalizante das sociedades mundializadas. Essas sociedades consolidaram os seus tentáculos a partir do reordenamento do capital produtivo que, com o crescimento da informalização, do setor terciário e da desregulação, refazem o campo dos negócios e da estratégica de acumulação, gerando negócio do tempo livre pela via do mercolazer.

O vetor do mercolazer coloca em cena o comércio não apenas de coisas, mercadorias, veículos, casas, mas de modos de vida, de imagens de vida, de tipos de vivência, da emoção e de sentimentos. Instala-se a voracidade do capitalismo cognitivo. A operação mercantil dessa economia simbólica faz uso da ação das grandes máquinas semiotizadoras, como a mídia, o jornalismo, o futebol, o esporte em geral – e outras.

Contrapor a essas máquinas e sua eficácia ideologizadora; recolocar a forma e o conteúdo do turismo como componente de emancipação humana, não significa dispensar o seu efeito no prazer humano, na criação da alegria, no descanso, no contato e no conhecimento de novas paisagens, lugares e territórios. Significa ultrapassar a noção de negócio ou dar-lhe um sentido para a coletividade de um país.

A virada de perspectiva do turismo, a nosso ver, requisita interrogar:

- O turismo tal como tem sido exercido, planejado, gestado e pensado, está contribuindo com o respeito aos povos, com os direitos humanos, para a emancipação social dos trabalhadores?
- É necessária outra consciência social do turismo?
- Como transformá-lo numa fonte de leitura das contradições das sociedades contemporâneas?

Junto a essas interrogações parece ser necessário produzir um corpo teórico que:

- transforma o turismo numa fonte de leitura das contradições do mundo contemporâneo – e de seus problemas – supondo entender a sua densidade histórica e social;
  - construa uma epistemologia ligada a filosofia, o que significa reconhecer a singularidade/diversidade da atividade turística e sua universalidade;
- reconheça o turismo como modalidade de conhecimento e como fonte do pensamento e da ação;

Ademais, como foi abordado anteriormente, uma teoria crítica do turismo implica compreendê-lo no jogo das sociedades mundializadas em forma de acumulação do sistema-mundo no qual inclui as categorias como Estado, Capital, trabalho, natureza e cultura. É conveniente interpretar o entrelaçamento ativo das escalas geopolíticas, que esclarecem as estratégias de dominação da natureza, da apropriação de riquezas e da cultura, às escalas do lugar, incluindo infraestrutura, trabalho, subordinação de trabalhadores.

Em face a essas reflexões pode-se defender a tese: o turismo hegemônico tende a se reduzir ao campo do negócio. Nesta perspectiva é ideologizado por meio da captura do desejo, da produção da imagem e da promessa de emoção. De fato, o que está em voga é o novo colonialismo do dinheiro salvaguardado pela hiper mobilidade e pelas tramas das máquinas semiotizadoras. Um turismo contra-hegemônico requisita, de início, refazer a perspectiva de sua leitura por intermédio do trabalho e para o trabalhador.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

1. O turismo, como uma atividade humana múltipla e diversa, cada vez mais participa diretamente do modelo de acumulação das sociedades mundializadas. Decorre dessa investida a sua redução ao campo do negócio, aproveitando a brecha do crescimento do setor terciário, da informalização da economia e do desemprego estrutural. O seu crescimento econômico, a despeito das crises econômicas mundiais, sinaliza o seu papel no espaço contemporâneo. Contudo, conforme foi apresentado, tem sido uma atividade atravessada pela divisão de classes e pela divisão internacional do trabalho.
2. Um dos vetores de significação do turismo no atual momento é a sua transformação num expediente do mercolazer. Para isso são tramadas estratégias de captura da paisagem, dos lugares, da emoção e do desejo. Essa captura é forjada ideologicamente: o turismo torna-se a correia de constituição do sujeito narcísico, hedonista, lançado no mundo das imagens e da glorificação do eu.
3. O turismo religioso de Trindade-Go é um exemplo dessa captura. A performatização da paisagem com santos, imagens; e a ação dos agentes hegemônicos como mídia, governo e atores religiosos são estratégias de inclusão desse tipo de turismo pelo cenário ideológico contemporâneo. Todavia, pedintes, trabalhadores, vendedores informais e devotos, dão outros destinos ao turismo, mostrando que o trabalho e o

trabalhador se fazem presentes, mesmo sob o flagelo da miséria, da pobreza e do sofrimento.

4. Essa enunciação é ponto culminante para que seja construída uma leitura crítica do turismo, o que demanda reconhecê-lo no jogo das contradições e dos conflitos da sociedade capitalista; demanda igualmente constituir uma epistemologia que identifique os traços universais e singulares do turismo e assim proceda para investi-lo como aporte da emancipação humana.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, M. G de. Diversidade paisagística e identidades territoriais e culturais – Brasil sertanejo. In: ALMEIDA, M, G de.; CHAVEIRO, E, F.; BRAGA, H, C. Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia, Vieira, 2008. p.47-74.

ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

ASSESSORIA DE IMPRENSA DO SANTUÁRIO BASÍLICA. Cidade de Trindade comemora 92 anos. 2012. Disponível em: <http://www.paieterno.com.br/?class=Noticias&method=onListarDetalhes&id=3166>. Consultado em 20/06/2013.

CHAVEIRO, E, F. O cerrado em disputa: sentidos culturais e práticas sociais contemporâneas. In: ALMEIDA, M, G de.; CHAVEIRO, E, F.; BRAGA, H, C. Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia, Vieira, 2008. p.75-97.

LOPES, D. S. X. de B. Trindade: “a capital da fé” – turismo religioso em Trindade –GO. Brasília-DF. 2011. 50 f. Especialização (Especialização em formação de professores e pesquisadores em turismo e hospitalidade) – Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

MELO, Thiago Sebastião de; THOMAZ, Rosangela C. Cortez; FOGAÇA, Isabela de Fátima. Reflexão inicial sobre turismo em assentamentos de reforma agrária: o caso do município de Rosana. Rosana: UNESP, 2008

MURILO, J. Romaria dos milhões. 2013. Disponível em: [http://tribunadoplanalto.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=9872:romaria-dos-milhoes&catid=64:comunidades&Itemid=6](http://tribunadoplanalto.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9872:romaria-dos-milhoes&catid=64:comunidades&Itemid=6). Acesso em: 28 de Jul./2013.

PINTO, C. S. de O. A. Turismo religioso – potencial de desenvolvimento turístico da vila de Arcozelo, Vila Nova de Gaia. Lisboa. 2011. 118 f. Dissertação (Mestrado em Estratégias de Desenvolvimento Turístico) – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2011.

SABINO, W. Projeto deixa Trindade mais limpa na Romaria. 2013. Disponível em: <http://www.go.agenciasebrae.com.br/noticia/21088363/institucional/projeto-deixa-trindade-mais-limpa-na-romaria>, Acessado em 04/02/2018

RODRIGUES, Wildes, Jesus. Urbanização no/do Cerrado: um olhar sobre Trindade-Go. Texto avulso: Goiânia, 2018.